

# O legado do fascismo: o liberalismo americano

por [Daniel Pipes](#) em 30 de janeiro de 2008

*Fascismo liberal* soa como um oxímoro – ou um termo para os conservadores insultarem liberais. Na realidade, foi um termo cunhado por ninguém menos do que o respeitado e influente escritor socialista [H.G.Wells](#), que em 1931 exortava correligionários progressistas a tornarem-se “*fascistas liberais*” e “*nazistas iluminados*”. De verdade.

Suas palavras, de fato, encaixam-se num padrão muito mais amplo de fundir socialismo com fascismo: [Mussolini](#) era uma proeminente figura socialista que, durante a I Guerra Mundial, afastou-se do internacionalismo em favor do nacionalismo italiano e chamou a mistura de fascismo. De modo semelhante, Hitler liderava o Partido Nacional *Socialista* dos *Trabalhadores* Alemães.

Esses fatos têm efeito desagradável, pois contradizem o espectro político que deu forma a nossa visão de mundo desde o final dos anos 1930; visão que coloca o comunismo na extrema esquerda, seguido do socialismo, o liberalismo ao centro, o conservadorismo, e só então o fascismo, na extrema direita. Mas este espectro, nota Jonah Goldberg em seu brilhante, profundo e original novo livro, [Liberal Fascism: The Secret History of the American Left from Mussolini to the Politics of Meaning](#) [*Fascismo Liberal: a História Secreta da Esquerda Americana, de Mussolini à Política de Significado*], reflete o uso que Stalin fazia de *fascista* como um epíteto para desacreditar a quem quer ele desejasse – Trotsky, Churchill, camponeses russos – distorcendo a realidade. Já em 1946, [George Orwell](#) notava que *fascismo* havia degenerado, significando “*algo não desejável*”.

Entender o fascismo em sua total extensão requer colocar de lado a distorção do termo feita por Stalin, e também olhar além do Holocausto e retornar ao período que Goldberg chama de “momento fascista”, mais ou menos entre 1910 e 1935. Sendo uma ideologia estatista, ou estatizante, o fascismo usa a política como ferramenta para transformar a sociedade de indivíduos atomizados num todo orgânico. Assim o faz pela exaltação do

estado acima do indivíduo, do conhecimento especializado acima da democracia, do consenso à força acima do debate e do socialismo acima do capitalismo. O fascismo é totalitário no sentido original que Mussolini dava ao termo: "*Tudo no Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado*". A mensagem do fascismo se resume a "*Chega de conversa, mais ação!*". Seu apelo duradouro é fazer com que as coisas aconteçam; é obter resultados.

Em contraste, o conservadorismo propugna governo limitado, individualismo, debate democrático e capitalismo. Seu apelo é a liberdade e deixar os cidadãos em paz.

O triunfo de Goldberg é estabelecer o parentesco e semelhança entre comunismo, fascismo e liberalismo[\*\*]. Todos derivam da mesma tradição que remonta aos jacobinos da Revolução Francesa. Seu espectro político revisado enfocaria o papel do estado, indo do libertarianismo ao conservadorismo e ao fascismo em suas muitas formas – americana, italiana, alemã, russa, chinesa, cubana e assim por diante.

Tal como sugere essa listagem, o fascismo é flexível; diferentes iterações diferem em especificidades, mas partilham dos mesmos "*impulsos emocionais e instintivos*". Mussolini adaptou o programa socialista para enfatizar o estado; Lênin fez dos trabalhadores a vanguarda do partido; Hitler colocou raça na equação. Se a versão alemã era militarista, a americana (que Goldberg chama de *fascismo liberal*) é quase pacifista. Goldberg cita o historiador Richard Pipes quanto a esse ponto: "*O bolchevismo e o fascismo eram heresias do socialismo*". Ele prova esta confluência de duas maneiras:

Primeiramente, ele oferece uma "*história secreta da esquerda americana*":

- O Progressivismo de Woodrow Wilson caracterizava-se por um programa "*militarista, fanaticamente nacionalista, imperialista e racista*", tornado possível pelas exigências da I Guerra mundial.

- O “New Deal fascista” de Franklin D. Roosevelt erigiu-se sobre e estendeu o governo de Wilson.
- A *Great Society* de Lyndon Johnson estabeleceu o moderno *welfare state*, “a insuperável fruição” (até agora) desta tradição estatista.
- Os viçosos revolucionários da New Left nos anos 1960 realizaram “uma atualização americanizada” da Old Right européia.
- Hillary Clinton espera “inserir o estado profundamente na vida das famílias”, um passo essencial do projeto totalitário.

Resumindo quase um século de história, se o sistema político americano tradicionalmente encorajava a busca da felicidade, “*mais e mais de nós queremos parar de persegui-la e a queremos entregar em casa*”.

Em segundo lugar, Goldberg dissecou os programas liberais [i.e., de esquerda] – raciais, econômicos, ambientais, e até mesmo o “*culto ao orgânico*” – e mostra as afinidades destes com os programas de Mussolini e Hitler.

Se este resumo soar entorpecente ou estarrecedoramente implausível, leia *Liberal Fascism* inteiro, por suas citações vívidas e documentação convincente. O autor, até agora conhecido como um polemista inteligente e muito bem preparado para disputas, provou-se um pensador político de primeira ordem.

Além de oferecer uma maneira radicalmente diferente de entender a política moderna, na qual *fascista* não é uma calúnia maior do que *socialista*, o extraordinário livro de Goldberg dá aos conservadores as ferramentas para responder a seus atormentadores esquerdistas e por fim, partir para o ataque. Se os esquerdistas podem [levantar eternamente o fantasma de Joseph McCarthy](#), os conservadores podem contra-atacar com Benito Mussolini.